

A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES NO GTT ESCOLA DO CONBRACE

THE INCLUSION OF STUDENTS WITH VISUAL DEFICIENCY IN THE CLASSES OF PHYSICAL EDUCATION: ANALYSIS OF PUBLICATIONS IN THE GTT SCHOOL OF CONBRACE

LA INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES CON DISCAPACIDAD VISUAL EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA: ANÁLISIS DE LAS PUBLICACIONES EN EL GTT ESCUELA DEL CONBRACE

Raíssa Guimarães Teixeira Machado¹

raissa_gtm@hotmail.com

Arlindo Fernando Paiva de Carvalho Junior²

afrij18@hotmail.com

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

²Instituto Benjamin Constant (IBC)

PALAVRAS-CHAVE: *Inclusão na Escola; Deficiência visual; Educação Física.*

INTRODUÇÃO

A inclusão nas escolas é um processo contínuo e complexo. Deveria orientar as diferentes ações pedagógicas diante da pluralidade existente no contexto escolar. A exclusão se manifesta a partir da diversidade de corpos e culturas. Nesse sentido, podemos entender que enquanto houver a exclusão, que se alimenta na diversidade, haverá o processo contínuo de inclusão, logo, um processo infindável. A inclusão é um processo e envolve princípios democráticos de participação social plena das pessoas em todas as áreas da vida humana e, vai além da simples aceitação e inserção das pessoas com deficiência no sistema educacional regular. (SILVA; SALGADO, 2005; FONSECA, 2009).

Segundo Fonseca (2014), a Educação Física na contemporaneidade tem na Cultura Corporal do Movimento uma aproximação com a perspectiva inclusiva, onde as diferenças podem coexistir democraticamente, mas não de forma ingênua, assim como valorizar e reconhecer as diferenças, não as identificando como obstáculos e sim como desafios. E, também relata sobre tais diferenças serem como recursos que podem enriquecer as relações humanas e com isso, promover ações transformadoras na Educação Física Escolar.



Para realizar inclusão nas aulas de Educação Física escolar, segundo Gorgatti e Costa (2008, p.1) existem inúmeras possibilidades através das atividades físicas em geral: “Pessoas amputadas surfando. Pessoas cegas jogando futebol. [...]. Pessoas surdas dançando. Pessoas diabéticas pedalando. Pessoas hemiplégicas nadando. Pessoas autistas patinando. Pessoas! ”.

Desta forma, entendemos que para realizar qualquer atividade e participar ativamente das aulas de Educação Física basta ter um corpo com sua diversidade e características únicas. Qualquer atividade pode ser adaptada buscando a inclusão e participação de todos. A inclusão nos remete a adaptação do processo pedagógico às especificidades do aluno. Adaptamos a todo o momento, diante da diversidade que existe em uma única turma, por exemplo. A diversidade no contexto escolar é um desafio para todos os profissionais, por isso, devemos diversificar as ações para incluir e tentar fazer de tudo para promover a aprendizagem com acesso ao conhecimento para todos os alunos.

E diante da diversidade de corpos existentes, buscamos neste trabalho investigar a inclusão de estudantes com deficiência visual nas aulas de Educação Física na escola. Os graus de visão abrangem um amplo espectro de possibilidades: desde a cegueira total, até a visão perfeita, também total. A expressão ‘deficiência visual’ se refere ao espectro que vai da cegueira até a baixa visão (MEC, 2000).

Nesse sentido buscamos investigar as discussões que se estabelecem sobre a inclusão de estudantes com deficiência visual em um importante espaço acadêmico e científico como o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e o Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE), que têm grande influência entre os educadores da área. Os eventos acontecem paralelamente com periodicidade bienal. Constitui-se no maior evento do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e são considerados uns dos mais importantes Congressos dentre as Sociedades Científicas da área.

Nosso objetivo foi investigar as publicações sobre a inclusão de pessoas com deficiência visual no Grupo de Trabalho Temático (GTT) Escola do CONBRACE/CONICE, tendo como questões a investigar: a) o quantitativo de trabalhos publicados sobre inclusão de pessoas com deficiência visual; b) os objetivos dos trabalhos de inclusão; e c) as temáticas que se relacionam com a inclusão.

A análise das publicações nos permitiu saber quais temáticas estão se relacionando à inclusão, e quais pesquisas estão sendo realizadas tendo como foco a inclusão de pessoas com deficiência visual, o que nos permitiu identificar as lacunas existentes e sugerir novas pesquisas e campos de investigação.

CONCEPÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa bibliográfica de perspectiva qualitativa foi realizada a partir das publicações do GTT Escola nos Anais do CONBRACE/CONICE, tendo como recorte de tempo o período de 2009 - 2017.

Os trabalhos foram coletados no sistema *online* de Apoio a Congressos (SOAC) do CBCE através das palavras-chave Deficiência Visual e Inclusão. O SOAC é uma ferramenta de gerenciamento dos congressos e das publicações eletrônicas dos anais dos congressos científicos.

Os critérios para coleta dos dados foram os trabalhos apresentados no GTT Escola com a temática de inclusão e/ou deficiência visual. O recorte de tempo das publicações pesquisadas foram as últimas cinco edições. Assim, pesquisamos nas edições de 2017, 2015, 2013, 2011 e 2009.

Escolhemos os Anais do CBCE por ser um congresso de grande relevância na área da Educação Física. E o GTT Escola por trazer trabalhos e discussões específicas sobre a Educação Física escolar. Os GTT's são instâncias organizativas do CBCE responsáveis por serem polos aglutinadores de pesquisadores com interesses comuns e propiciam reflexão, produção e difusão de conhecimento acerca do tema.

Na edição de 2017 não foi possível fazer a busca como nas edições anteriores, pois encontramos as publicações dessa edição reunidas em um único documento. Isso misturaria a busca das palavras chave no título com as palavras dos textos e com os outros GTT's. Assim, todos os títulos das 185 publicações foram lidos. e quando se aproximavam da temática e não havia as palavras inclusão e/ ou deficiente visual, averiguamos as palavras chave nos próprios trabalhos. Após a coleta de dados, tivemos o seguinte resultado:



em 2009 foram 55 trabalhos publicados sendo 1 sobre inclusão e nenhum sobre deficiência visual; em 2011 foram 69 trabalhos publicados sendo 3 sobre inclusão e nenhum sobre deficiência visual; em 2013 foram 128 trabalhos publicados não tendo nenhum sobre inclusão nem deficiência visual; em 2015 foram 169 trabalhos publicados sendo 1 sobre inclusão e nenhum sobre deficiência visual; em 2017 foram 185 trabalhos publicados sendo 3 sobre inclusão e 2 abordando questões sobre a deficiência visual;

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Buscando uma melhor apresentação e discussão dos dados, os trabalhos coletados serão apresentados e discutidos nas seguintes categorias: a) Formação inicial do professor na perspectiva da inclusão a qual se buscou discutir a formação inicial dos professores de Educação Física; b) Recursos pedagógicos para inclusão, que aglutinou trabalho sobre ferramentas e materiais didáticos pedagógicos em prol da inclusão; e c) A inclusão de conteúdos nas aulas de Educação Física escolar, que abordou a inclusão de um determinado conteúdo nas aulas de Educação Física.

FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO

De certa forma, buscamos juntar nesta categoria os trabalhos que discutem e se relacionam com a formação dos professores de Educação Física.

Castro e colaboradores (2017) em seu trabalho intitulado “PIBID, Educação Física e a inclusão” abordam como a temática inclusão está na Educação Física, relatando as experiências vivenciadas pelos bolsistas no trabalho inclusivo junto a alunos com deficiência. Através dos jogos e brincadeiras populares os autores relataram sobre a vivência dos alunos com a diversidade presente no meio e desta forma tornaram a convivência mais prazerosa e construtiva, promovendo o bem-estar. Também, descreveram que através das práticas realizadas, os alunos com deficiência puderam participar de jogos e brincadeiras que lhes permitiram um bom desenvolvimento e integração com os outros, e que trabalharam sempre em conjunto, respeitando as especificidades e dificuldades de cada um.

A partir disso, os autores perceberam que a Educação Física desempenha papel importante no processo de desenvolvimento das crianças com necessidades especiais, considerando que a aprendizagem não acontece de maneira isolada, e que através das experiências proporcionadas pelas atividades desta área possibilita-se o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, além da cooperação de todos enquanto ponto muito importante nesse processo de desenvolvimento do aluno, sempre respeitando suas diferenças e o tempo de aprendizagem individual, ajudando-o a superar as barreiras e limitações. Com isso, os autores chegaram à conclusão de que com o trabalho coletivo as situações de cooperação, diálogo e interação entre os alunos geraram um maior conhecimento mútuo, assim, o respeito às diferenças.

Importante salientar que o termo “necessidades especiais” que nesse texto é abordado para referenciar as crianças com deficiência é bem mais amplo. Os termos e seus significados sobre as pessoas com deficiência, no Brasil e no mundo, ao longo da história já mudaram diversas vezes, isso porque acompanha a evolução da sociedade. É o que Sasaki (2003) conta em seu livro, que de mais ou menos 1990 até hoje o termo necessidades especiais decorre de três situações, uma das quais envolvendo dificuldades vinculadas a deficiências e não vinculadas a uma causa orgânica. E explica que o termo surgiu primeiramente para substituir “deficiência” por “necessidades especiais”. Daí a expressão “portadores de necessidades especiais”. Depois, esse termo passou a ter significado próprio sem substituir o nome “pessoas com deficiência”. De início, “necessidades especiais” representava apenas um novo termo. A partir da vigência da Resolução nº 2 do art. 5º CNE/CEB, de 11/09/2001, “necessidades especiais” passou a ser um valor agregado tanto à pessoa com deficiência quanto a outras pessoas.

Lehnharde e colaboradores (2017), em seu estudo “Prática educativa e formação docente: A inserção no conteúdo esportes adaptados na Educação Física de anos iniciais” tiveram como objetivo explanar sobre a prática educativa de planejamento e percepções de acadêmicos do curso de Educação Física,



na experiência em inserir o conteúdo Esportes Adaptados no ensino regular dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Aborda a prática de alguns esportes voltados para pessoas com deficiência como o voleibol sentado, basquete em cadeira de rodas, atletismo para cegos e o Goalball, que é uma modalidade esportiva que foi criada especificamente para pessoas com deficiência visual.

O Goalball é um esporte baseado nas percepções tátil e auditiva, por isso não pode haver barulho no ginásio durante a partida, exceto no momento entre o gol e o reinício do jogo e nas paradas oficiais. Por conta dessas características fora do comum que os autores relataram que as modalidades esportivas disponibilizaram ao aluno a vivência de movimentos motores diversos. A partir disso, os estudantes tiveram uma diversificação no conteúdo de suas aulas, podendo vivenciar as modalidades, mas a princípio nenhum deles eram cegos ou tinham algum comprometimento físico.

Eles concluíram que a utilização do conteúdo Esportes Adaptados atendeu às necessidades dos alunos nos Anos Iniciais, trabalhando as mais diversas competências motoras, cognitivas e sociais. Além disso, os acadêmicos relataram que os planejamentos exteriorizaram diversidade de atividades, criatividade, satisfação no cumprimento dos objetivos propostos e aceitação das turmas. Dessa forma, é um conteúdo que poderá ser organizado e sistematizado em maiores proporções, de acordo com as fases de ensino-aprendizagem, e com o desenvolvimento motor do aluno.

Também através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Pereira e colaboradores (2015), em seu trabalho intitulado “Processos formativos e metodológicos do PIBID: desafios e possibilidades de inserção do tema “inclusão do deficiente na Escola” buscaram realizar um diálogo com as experiências adquiridas pelos Pibidianos em um projeto de extensão, que trabalha com o esporte adaptado como forma de inclusão social. Assim, o objetivo foi investigar o significado e pertinência das práticas corporais como elementos da cultura corporal, buscando proporcionar a experiência de reflexão crítica no PIBID acerca dos processos de inclusão pela vivência no esporte adaptado. Foram realizadas/vivenciadas três atividades: vôlei sentado, futebol de cinco e o goalball.

O futebol de cinco é exclusivo para cegos ou deficientes visuais, tendo somente o goleiro a visão total. No site do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), tem as regras e curiosidades da modalidade como:

Junto às linhas laterais, são colocadas bandas que impedem que a bola saia do campo. Cada time é formado por cinco jogadores – um goleiro e quatro na linha. Diferentemente de um estádio convencional de futebol, as partidas de futebol de 5 são silenciosas, em locais sem eco; A bola tem guizos internos para que os atletas consigam localizá-la. A torcida só pode se manifestar na hora do gol. Os jogadores usam uma venda nos olhos e, se tocá-la, cometerá uma falta. Com cinco infrações, o atleta é expulso de campo e pode ser substituído por outro jogador. Há ainda um guia, o chamador, que fica atrás do gol, para orientar os jogadores, e que diz onde devem se posicionar em campo e para onde devem chutar. O técnico e o goleiro também auxiliam os jogadores em quadra. O jogo tem dois tempos de 25 minutos e intervalo de 10 minutos. (CPB, 2019).

Com isso, os autores verificaram que a maioria dos alunos nunca havia praticado nenhuma modalidade de esporte e/ou prática corporal para pessoas com deficiência. Os alunos mostraram-se abertos para a nova proposta, no qual puderam refletir e falar sobre o que conheciam acerca das atividades realizadas durante as aulas. Houve a possibilidade de autorreflexão sobre a questão da exclusão da pessoa com deficiência na sociedade. Assim, perceberam que com os conhecimentos trabalhados referentes à inclusão foram importantes para mostrar o significado da união, respeito, amizade, cooperação, respeito ao outro e as diferenças. Tais experiências potencializam as possibilidades de inserção desta temática no PIBID e na escola. Também refletiram sobre as capacidades que as pessoas com deficiência possuem, desmistificando assim o pensamento popular.

Dessa maneira, os autores concluíram que esse eixo refere se a questão da inclusão e diversidade cultural, nas dimensões da classe social, gênero, sexualidade, etnia e do deficiente, perpassando o trato com



os conteúdos temáticos da Educação Física escolar, com vistas à superação da desigualdade e preconceitos e da construção de uma sociedade mais justa e digna para todos.

RECURSOS PEDAGÓGICOS PARA INCLUSÃO

Borba Neto, Matias e Lima (2017) com o trabalho intitulado “Os livros paradidáticos nas aulas de Educação Física como estratégia de se discutir e contextualizar a inclusão: o estudo do vôlei sentado” utilizaram da escala *Likert* para analisar o quanto um livro paradidático sobre Educação Inclusiva colaborou com a aprendizagem das regras e contextualização do vôlei sentado. Os participantes confirmaram que a leitura e a vivência prática colaboraram para o aprendizado sobre o esporte e a inclusão, afirmando que o recurso foi significativo à aprendizagem.

Para Carvalho Junior, Domingues e Souza (2018)

A necessidade de construção de materiais didáticos (MD) é uma realidade nos diferentes cotidianos escolares brasileiros. Apesar da produção dos livros didáticos e de muitos outros materiais que visam ao aprendizado, a necessidade de construção de materiais específicos e personalizados para as características de aprendizado de cada aluno vem ganhando força com os discursos de valorização da subjetividade das diferenças, principalmente na Educação Especial e Inclusiva, para alunos com deficiência e necessidade educativas especiais, que exigem muitas vezes a construção de MD únicos, apropriados às suas limitações motoras, sensoriais ou cognitivas (CARVALHO JUNIOR; DOMINGUES; SOUZA, 2018, p.1).

Ainda na discussão sobre recursos pedagógicos Silva e colaboradores (2017) tem em seu estudo intitulado: “O jogo como recurso pedagógico no processo de inclusão na Educação Física escolar” o objetivo de abordar os aspectos da inclusão nas aulas de Educação Física, além de problematizar acerca do papel do professor como mediador do conhecimento, os desafios por eles encontrados ao longo desse percurso e discutir a importância do jogo como recurso pedagógico nesse processo. Partiram-se da seguinte questão norteadora: Como o Jogo pode auxiliar no processo de inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física? Assim, este trabalho foi orientado pelo pressuposto de que, para possibilitar o acesso das pessoas com deficiência às aulas de Educação Física são necessárias novas estratégias metodológicas que assegurem o acesso e permanência dos alunos com deficiência, além dos espaços e materiais específicos adaptados e profissionais especializados.

Dessa forma, apresentaram no trabalho como os jogos contribuem para a inclusão sobre diversos aspectos, a participação livre, independente de raça, idade, gênero, nível social, habilidade motora ou qualquer outra questão excludente.

Concluíram que o jogo contribui no processo de inclusão o que é evidenciada como um ato de reflexão crítica desta manifestação cultural e deve-se a uma postura crítica do professor em relação ao ensino da Educação Física. E que com esses conhecimentos, os alunos podem desenvolver uma visão crítica despertada pela relação sujeito mundo.

A INCLUSÃO DE CONTEÚDOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Azambuja, Fernandes e Amaral (2011), em seu estudo “Inclusão da dança na escola: uma experiência bem sucedida” visam apresentar um relato de experiência do processo de inclusão da dança enquanto uma das manifestações da cultura corporal de movimento da Educação Física escolar.

Segundo os autores, a Educação Física é muito mais do que manifestações esportivas, ela abrange a ginástica, o jogo, a luta e a dança. Mas nem sempre é o que ocorre na prática. O Grupo de Estudos em Dança da UNISEP (União de Ensino do Sudoeste do Paraná) questionou o porquê da exclusão da dança na escola. Este estudo foi sobre a experiência pessoal, bibliografia e visitas as escolas sugeriam dois pontos básicos: não aceitação dos alunos e falta de preparo e/ou interesse por parte dos professores. Questionaram-se sobre



o interesse dos próprios professores. No caso, se eles tivessem o interesse na dança poderia passar para os alunos. A partir disso, criaram o Projeto Inclusão da Dança na Escola, focado nos anos finais do Ensino Fundamental. Foram aulas com periodicidade quinzenal. O Grupo de Estudo reunia-se semanalmente, avaliando as aulas e as reações da turma e propondo soluções aos problemas enfrentados, num constante replanejamento.

A solução para o preconceito de gênero foi mesclar dança de rua com basquete, o que apresentou uma excelente aceitação e participação. Com isso, os autores concluíram que os alunos aceitam a dança e sua não utilização se deve muitas vezes a falta de vontade do professor.

Mourão, Moreira e Silva (2011), em sua pesquisa “Representações de inclusão e exclusão na Educação Física escolar” têm o objetivo de identificar as situações de exclusão e suas razões nas aulas de Educação Física; descrever o comportamento dos alunos envolvidos em situações de exclusão; analisar a intervenção do professor sobre a exclusão praticada pelos alunos nas aulas de Educação Física e suas possíveis estratégias de inclusão.

Os autores concluíram que na maioria das aulas observadas ocorreu exclusão de alguns estudantes, independentemente de ser da rede pública ou particular. Os tipos predominantes de exclusão manifestados nas aulas de Educação Física escolar foram por habilidade e “esportivização”. As aulas da escola pública acontecem em espaços diferentes para meninos e meninas, praticam respectivamente futebol e vôlei sem variação dos conteúdos. Acreditam que o fato de não haver variação de conteúdo gerou um desânimo maior nas meninas do que nos meninos. Desta forma, observaram a auto exclusão das meninas e em contrapartida a frequente participação dos meninos. Observou-se que quase não ocorreram intervenções do professor nas situações de exclusão.

Lucena Filho e Isidoro (2011) apresentaram o trabalho intitulado “O conteúdo lutas e a Educação Física: uma proposta pedagógica para inclusão do judô na escola” falaram sobre a inclusão do conteúdo lutas na escola, apresentando subsídios teóricos sobre a temática, como também, um relato de experiência envolvendo o Judô na escola. O objetivo foi contribuir com o processo de legitimação do conteúdo Lutas (Judô) na Educação Física escolar. E, almejavam analisar as possibilidades de se diversificar os conteúdos da Educação Física escolar, superando paradigmas esportivistas que privilegiam determinadas práticas corporais em detrimento de outras. Com isso, propuseram estratégias pedagógicas que favorecessem a prática do judô, adaptando-o à realidade da escola pública. Também, discutiram as referidas práticas na escola, considerando o projeto histórico de transformação social, que se utiliza dessas atividades corporais para ajudar o aluno a realizar uma reflexão pedagógica capaz de permitir uma intervenção crítica na realidade que o cerca.

Segundo os autores, os resultados dessa pesquisa apontaram para uma possibilidade real de se incluir essas práticas na escola, mesmo diante dos inúmeros desafios a serem enfrentados nesse processo.

Sant’Anna e colaboradores (2009), em seu trabalho “Corrida de orientação: proposta de inclusão do esporte nas aulas de Educação Física escolar” propõem a inclusão da Corrida de Orientação como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, por ser um conteúdo diferente e atrativo aos alunos e possuir um leque de possibilidades de trabalho interdisciplinar, proporcionando também a estimulação do desenvolvimento de vários tipos de inteligências, contribuindo, assim, para uma formação tanto motora quanto intelectual de quem a pratica.

Os autores concluíram que a maioria dos alunos declararam ter aprovado a Corrida de Orientação como tema das aulas de Educação Física tendo 100% de resposta positiva quando foram questionados sobre o desejo de continuidade do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que nas cinco últimas edições do CONBRACE há poucas publicações sobre inclusão e deficiência visual no GTT – Escola. Em um total de 606 publicações somente 9 trabalhos abordaram a



inclusão e nenhum trabalho abordou especificamente a pessoa com deficiência visual, tendo apenas duas dessas publicações que falaram sobre alguns esportes para cegos.

No decorrer da análise das publicações coletadas ficou evidente a questão de que todos de alguma maneira têm como foco a inclusão dos alunos nas atividades das aulas de Educação Física, e em sua maioria sendo na inserção de um novo conteúdo. Os dois únicos trabalhos que se aproximaram da discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência visual foram os que abordaram o Goalball, o Atletismo e o Futebol de cinco. Não tinham alunos com deficiência visual participando das pesquisas, a intenção foi variar o conteúdo das aulas e fazer com que os alunos sem deficiência tivessem uma experiência sensorial motora diferente.

Os trabalhos selecionados que abordam a inclusão têm diferentes objetivos relacionados a distintas temáticas tais como: o jogo como recurso pedagógico, inclusão de conteúdos específicos no currículo da Educação Física escolar, o livro para didático como auxílio à inclusão, o esporte adaptado como inclusão social, e a formação de professores a partir do programa de iniciação à docência e projetos de extensão. Todos os trabalhos trazem reflexões importantes relacionadas à temática de inclusão, porém a inclusão de estudantes com deficiência visual não foi abordada de forma considerável nas publicações do GTT – Escola do CONBRACE.

Por fim, acreditamos que ainda há muito para progredirmos na área da inclusão, especificamente a da pessoa com deficiência visual nas aulas de Educação Física escolar. Nesse sentido, sugerimos novas pesquisas com diferentes perspectivas, que tenham a pessoa com deficiência visual como foco, relacionando-os a diversas temáticas da Educação Física.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA V. L. M. A.; FERNANDES D. V.; AMARAL V. *Inclusão da dança na escola: uma experiência bem sucedida*. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte, ESEF/UFRGS, Porto Alegre/RS - Brasil. 11 a 16 de setembro de 2011. Acesso em: 02 fev. 2019. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2011/2011>
- BORBA NETO M. E.; MATIAS K. T. G.; LIMA K. E. C. *Os livros paradidáticos nas aulas de Educação Física como estratégia de se discutir e contextualizar a inclusão: o estudo do vôlei sentado*. XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás na cidade de Goiânia/GO - Brasil. 17 a 21 de setembro de 2017. Acesso em: 02 fev. 2019. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2017/7conice>
- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes nacionais para a Educação Especial na Educação Básica* / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.
- CASTRO J. F.; SILVA A. C.; BRITO E. C. S.; NASSERALA S. M. M. *PIBID, Educação Física e a inclusão*. XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás na cidade de Goiânia/GO - Brasil. 17 a 21 de setembro de 2017. Acesso em: 02 fev. 2019. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2017/7conice>
- CBCE. *Sistema Online de Apoio a Congressos do CBCE* <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/index/index>. Acesso em: 05 fev. 2019.
- CPB. *Futebol de cinco*. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/modalidades/futebol-de-5> Acesso em: 10 abril 2019.
- CARVALHO JUNIOR, A. F. P. de; DOMINGUES, M. de O. M.; SOUZA, S. S. de. *Produção de Material Didático para alunos com deficiência visual: experiências nos anos iniciais*. Educação Pública, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cederj.edu.br/artigos/18/17/produo-de-material-didtico-para-alunos-com-deficincia-visual-experincias-nos-anos-iniciais>. Acesso em dez de 2018.



- FONSECA, Michele Pereira de Souza da. *Inclusão: Culturas, políticas e práticas de inclusão na formação de professores de Educação Física da UFRJ*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- FONSECA, Michele Pereira de Souza da. *Formação de professores de Educação Física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão: reflexões sobre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. *Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*, 2ª ed. Barueri – SP, Manole, 2008.
- LEHNHARD A. R.; JAHN A. B.; SEVERO C.; DORNELES P. P. *Prática educativa e formação docente: A inserção no conteúdo esportes adaptados na Educação Física de anos iniciais*. XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás na cidade de Goiânia/GO - Brasil. 17 a 21 de setembro de 2017. Acesso em: 02 fev. 2019. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2017/7conice>
- LUCENA FILHO A. W.; ISIDORO N. J. X. *O conteúdo lutas e a Educação Física: uma proposta pedagógica para inclusão do judô na escola*. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte, ESEF/UFRGS, Porto Alegre/RS - Brasil. 11 a 16 de setembro de 2011. Acesso em: 02 fev. 2019. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2011/2011>
- MEC. *Deficiência visual* / Marta Gil (org.). Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2000.
- MOURÃO L. N.; MOREIRA L. R.; SILVA R. *Representações de inclusão e exclusão na Educação Física escolar*. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte, ESEF/UFRGS, Porto Alegre/RS - Brasil. 11 a 16 de setembro de 2011. Acesso em: 02 fev. 2019. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2011/2011>
- PEREIRA A. R.; JESUS A. S. S.; ARAÚJO D. R.; FERREIRA A. C. P. *Processos formativos e metodológicos do PIBID: desafios e possibilidades de inserção do tema "inclusão do deficiente na Escola"*. XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Vitória/ES - Brasil. 8 a 13 de setembro de 2015. Acesso em: 02 fev. 2019. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2015/6conice>
- SANT'ANNA K. B. S.; PEDREIRA F. S.; SILVA J. M. P.; SILVA K. R. *Corrida de orientação: proposta de inclusão do esporte nas aulas de Educação Física escolar*. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Salvador/Bahia - Brasil, 20 a 25 de setembro de 2009. Acesso em: 02 fev. 2019. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2009/XVI>
- SASSAKI, R. K. *Vida Independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos*. São Paulo: RNR, 2003, P. 12 – 16.
- SILVA G. S.; PIMENTEL E. A. C.; PENNER J. N.; SANTOS J. T. J.; SANTOS J. T. *O jogo como recurso pedagógico no processo de inclusão na Educação Física escolar*. XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás na cidade de Goiânia/GO - Brasil. 17 a 21 de setembro de 2017. Acesso em: 02 fev. 2019. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2017/7conice>
- SILVA, K. R. X.; SALGADO, S. S. *Construindo Culturas de Inclusão nas Aulas de Educação Física numa Perspectiva Humanista*. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.45-53, janeiro/junho 2005.

